

(Des)Estímulos às teorias, conceitos e práticas **da educação**

Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

(Des)Estímulos às

teorias, conceitos e práticas

da educação

Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

(Des)Estímulos às teorias, conceitos e práticas da educação

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D452 (Des)Estímulos às teorias, conceitos e práticas da educação / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-348-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.481210208>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Silva Filho, Valdemiro Carlos dos Santos (Organizador). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a (re) pensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro.

As discussões empreendidas neste livro, intitulado “**(Des)Estímulos às Teorias, Conceitos e Práticas da Educação**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re)pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Na direção do apontado anteriormente, é que professoras e professores pesquisadores, de diferentes instituições e países, voltam e ampliam o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade. É um desafio, portanto, aceito por muitas e muitos que fazem parte dessa obra.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestras, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho

SUMÁRIO


CAPÍTULO 1..... 1

A INCLUSÃO EDUCACIONAL COMO DESAFIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Gilmara Miketchen

Ana Flavia Hansel


Marcelo Naputano

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4812102081>

CAPÍTULO 2..... 19

COMUNIDADE, SOCIEDADE E RECIPROCIDADE


Filipa Canavarro de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4812102082>

CAPÍTULO 3..... 33

ARTES INTEGRADAS: ENSINO DE ARTE E INTERDISCIPLINARIDADE

Aline Folly Faria


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4812102083>

CAPÍTULO 4..... 46

DOCÊNCIA COM BEBÊS EM PRÁTICAS DE LEITURA: MEDIAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO LITERÁRIA DA CRIANÇA

Tacyana Karla Gomes Ramos

Rafaely Karolynne do Nascimento Campos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4812102084>

CAPÍTULO 5..... 55

ENSINANDO COORDENADAS CARTESIANAS COM UM JOGO DIDÁTICO: EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

Joyce Carolina Trombini

Natiele de Almeida Gonzaga


Alessandra Querino da Silva

Luciano Antonio de Oliveira

Denise Pasternak

Dihellen Thayze Moreira Cubas

Angela Rosa Ceolin Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4812102085>

CAPÍTULO 6..... 63

ANÁLISE DAS POLÍTICAS DE INOVAÇÃO DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IFETS) DA REGIÃO NORDESTE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO


Viviane Peneluca Amorim

André Luis Rocha de Souza

Érica Ferreira Marques

Ana Rita Fonseca Ferreira

Evelin Reis da Hora

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4812102086>

CAPÍTULO 7..... 92


DEMOCRACIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE, DA CONTESTAÇÃO ÀS NOVAS FORMAS DE SE RELACIONAR COM O CAPITALISMO: O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Raimunda Maria da Cunha Ribeiro

Karina Souza Rocha

Luana Cristina Aguiar Louzeiro Sousa

Isabel Cristina Gomes Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4812102087>


CAPÍTULO 8..... 106

FLORES E FRUTOS DE UM BAOBÁ: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Miriam Nogueira Duque Villar

Ana Rosa Costa Picanço Moreira

Maria Rosana do Rêgo e Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4812102088>

CAPÍTULO 9..... 116

EFEITOS DE SENTIDO QUE PERMEIAM O MANUAL DO PROFESSOR DO LIVRO DIDÁTICO DA EJA

Marcos Geandro Silva Ribeiro

Silvane Aparecida de Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4812102089>


CAPÍTULO 10..... 129

MATERIAIS CONCRETOS E O ENSINO DE ÂNGULOS

Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho

Keidna Cristiane Oliveira Souza

Américo Junior Nunes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020810>

CAPÍTULO 11..... 145

A IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC EM RONDÔNIA: EM FOCO A FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS

Diléia da Silva Brun Scatamburlo

Simone Aparecida Navarro da Cruz






Márcia Regina de Souza Silva


Edre Almeida Corrêa

Nídia Estelita de Souza Ribeiro

Eliana Alves Pereira Leite

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020811>


CAPÍTULO 12	165
VIOLAÇÃO AO DIREITO À EDUCAÇÃO DOS POVOS DO CAMPO NO BRASIL Elias Canuto Brandão  https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020812	
CAPÍTULO 13	178
A UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS AUTORAIS DIGITAIS EDUCACIONAIS NO CONTEXTO DA TECNODOCÊNCIA Luciana de Lima Robson Carlos Loureiro Gabriela Teles  https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020813	
CAPÍTULO 14	190
PROTAGONISMO JUVENIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE COMO O PERFIL SOCIOCULTURAL INFLUÊNCIA NO SUCESSO ESCOLAR ESTUDANTIL Jeferson de Menezes Souza Aline Almeida Lima André Santos Landim Cinara Rejane Viana Oliveira Jaciará Pinheiro de Souza Joniene Pereira Bispo dos Santos Maria de Fátima Santana de Souza Guerra Maria Janiclécia de Santana Sales Murilo de Jesus Porto Vanessa Cristina de Almeida Viana Welde Natan Borges de Santana  https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020814	
CAPÍTULO 15	204
BRINQUEDO UTILIZADO EM TERAPIA PARA ESTÍMULO DA ATIVIDADE DE VIDA DIÁRIA E IDENTIFICAÇÃO DAS EXPRESSÕES DA CRIANÇA ESPECTRO AUTISTA Anita Teresa Duarte do Bonfim  https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020815	
CAPÍTULO 16	224
A RELAÇÃO ENTRE ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO EM PUBLICAÇÕES: UM RETRATO Rafael Santos de Aquino Raí de Amorim Freire  https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020816	
CAPÍTULO 17	240
O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA Déborah Nogueira Araújo e Pio Vanderlei Balbino da Costa	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020817>

CAPÍTULO 18.....250

PRÁTICAS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS: QUANTIFICAÇÃO DE GÁS CARBONICO (C-CO₂) DO SOLO ATRAVÉS DE ENSAIO DE RESPIROMETRIA


Gerônimo Rodrigues Prado
Jussara Navarini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020818>

CAPÍTULO 19.....254

EL PODER DE LA DETERMINACIÓN: EL PROCESO CONSTITUYENTE DE LA UNIFICACIÓN HUMANA EN LA PEDAGOGÍA DE LA ESPERANZA DE PAULO FREIRE


Jorge Hernán Betancourt-Cadavid
Sandra Liliana Yepes Villa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020819>

CAPÍTULO 20.....269

EM BUSCA DA PROMOÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO CURSO DE LICENCIATURA EM FÍSICA UTILIZANDO COMO FERRAMENTA UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Rosa Maria da Silva
Taciana da Silva Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020820>

CAPÍTULO 21.....279

A PRÁTICA PEDAGÓGICA E OS FATORES QUE DIFICULTAM OU IMPEDEM A FELICIDADE DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA


Elisângela Rodrigues Furtado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020821>

CAPÍTULO 22.....291

ULTIMATE FRISBEE COMO PRÁTICA ALTERNATIVA PARA O LAZER NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A EXPERIÊNCIA NO PIBID/UEFS


Edson Leão dos Santos
Marise Reis Valois Coelho
Evódio Maurício Oliveira Ramos




 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020822>

CAPÍTULO 23.....301

CONTRIBUIÇÕES DOS PAYAYÁ PARA A EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE UTINGA/BA: OS IMPACTOS DO MAIP NO DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL

Ana Cleide Santos de Souza
Jumara Teodoro da Silva
Itã Teodoro da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020823>

CAPÍTULO 24.....	311
A IDEAÇÃO DE UM PARQUE INCLUSIVO POR MEIO DA CULTURA MAKER E PROGRAMAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Maria Eduarda Ribeiro Galdino Shayane Ferreira dos Santos Luzia Alves de Carvalho Anna Luisa Nascimento Ferreira Edenice Petronilha Rinaldi Barbosa Leite Fernanda Gonçalves Ribeiro Neto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020824	
CAPÍTULO 25.....	322
A MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DO PORTADOR DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA(TEA)	
Miris C. Parazzi Folster Wana Carcagnolo Narval Cillo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020825	
CAPÍTULO 26.....	333
EFEITOS DO TREINAMENTO DE FORÇA NA MATURAÇÃO BIOLÓGICA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Fabrcia da Silva de Oliveira Leandro de Oliveira Sant'Ana Fabiana Rodrigues Scartoni	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.48121020826	
SOBRE OS ORGANIZADORES	344
ÍNDICE REMISSIVO.....	345

Data de aceite: 27/07/2021

Data de submissão: 07/07/2021

Filipa Canavarro de Morais

Escola Superior de Educação de Coimbra
Coimbra, Portugal
<http://orcid.org/0000-0002-0285-1488>

RESUMO: O presente artigo discute os conceitos de Comunidade e Sociedade tanto na teoria sociológica clássica quanto em perspetivas contemporâneas, focando os pressupostos subjacentes, tanto à ação económica, quanto à troca num contexto social de reciprocidade, cooperação e altruísmo. Tal pede uma crítica a algumas limitações de pressupostos ortodoxos sobre a troca económica e sua visão do mercado como o mecanismo fundamental, não só para a regulação da ação económica, mas também como governação da societal. A mudança da perspetiva da sociedade como o enquadramento dentro do qual ocorre o comportamento económico para a visão econômica clássica de um indivíduo racional, egoísta e maximizador que atua no mercado é descrita considerando o contexto da revolução industrial nas sociedades ocidentais e tecnológicas, demográficas, transformações económicas e políticas que se seguiram. A visão de um indivíduo racional, egoísta e maximizador que atua no mercado é descrita considerando o contexto da revolução industrial nas sociedades ocidentais e as transformações tecnológicas, demográficas, económicas e

políticas que se seguiram. Estabelece-se uma relação entre a noção contemporânea de comunidade, relacionada a formas antigas e atuais de reciprocidade, enquanto o comércio está associado ao nascimento da economia de mercado e da sociedade moderna. Discute-se brevemente a necessidade de noções mais holísticas e diversificadas das práticas económicas, o reconhecimento do contexto social que as influencia e o surgimento de iniciativas económicas sociais e solidárias. A teoria dos jogos e as perspetivas evolutivas são usadas para explicar o comportamento altruísta e recíproco e a possibilidade de prevalência de cooperação dentro de uma população, especificamente, o Dilema do Prisioneiro na sua versão iterada e o sucesso das estratégias TIT-FOR-TAT, punindo comportamento oportunista egoísta e recompensando comportamento altruísta, num contexto social de interações sociais limitadas, estáveis, globais e próximas. Por fim, é apresentado um quadro ilustrativo de como usar o jogo Dilema do Prisioneiro no contexto de técnicas de grupo, especialmente focado no ensino a estudantes de animação sociocultural interessados em animação e desenvolvimento comunitário como demonstrar a possibilidade de altruísmo e reciprocidade dentro das comunidades e as vantagens deste tipo de comportamento e norma social.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade/Sociedade; economias diversas; altruísmo; reciprocidade.

COMMUNITY, SOCIETY AND RECIPROCITY

ABSTRACT: This article discusses the concepts of Community and Society both from classical sociology theory and contemporary perspectives, focusing on the underlying assumptions regarding economic action as well as exchange in a reciprocal, cooperative and altruistic social context. This calls for a critic of some shortcomes of or ortodox assumptions regarding economic exchange and its view of the market as the fundamental mechanism, not only for the regulation of economic action, but also as societal governance. The shift from the perspective of society as the framework within wich economic behavior occurs to the classic economic view of a rational, selfish and maximizing individual acting in the market is described considering the context of the industrial revolution in western socities and the technological, demographic, economic and political transformations that followed it. A relation is established between the contemporary notion of community related to ancient and present forms of reciprocity, whereas comercial trade is associated to the birth of the market economy and modern society. The need for more holistic and diverse notions of economic practices, the acknowledgement of the social context that influences them and the emergence of social and solidary economic initiatives nowadays are briefly discussed. Game theory and evolutionary perspectives are used to explain altruistic and reciprocal behavior and the possibility of prevalence of cooperation within a population, specifically, the Prisoner's Dilemma in its lterated version and the sucess of TIT-FOR-TAT strategies punishing selfish opportunistic behaviour and rewarding altruistic behaviour, in a social context of limited, stable, global, and close social interactions. Finally, a framework is presented to ilustrate how to use the Prisoner's Dilemma game in the context of group techniques, especially focusing in teaching social and cultural animation students, interested in community animation and Development, how to demonstrate the possibility of altruism and reciprocity within communities and the advantages of this type of behavior and social norm.

KEYWORDS: Community/Society; diverse economies; altruism; reciprocity

DA COMUNIDADE TRADICIONAL À SOCIEDADE MODERNA

A passagem da vida nas comunidades rurais tradicionais pré-industriais para a sociedade moderna, urbana, industrial foi tema central nas obras de autores clássicos da Sociologia como E. Durkheim, M. Weber e F. Tönnies. Foram as consequências demográficas, económicas, políticas culturais da industrialização que, enquanto fenómeno total, trouxeram a necessidade da reflexão científica sobre a transformação, as questões e problemas sociais a que urgia dar resposta e, conseqüentemente, à institucionalização da própria Sociologia com A. Comte que pretendia compreender, antever e dar resposta a estes mesmo problemas. Os autores clássicos da Sociologia descrevem a passagem de um contexto social de relações sociais globais, próximas, determinadas pela tradição, os vínculos de parentesco, amizade e vizinhança para um novo contexto de relações segmentares, mais frequentes mas mais formais, mais utilitária, menos espontâneas e duradouras e o surgimento de um tecido social mais fragmentado; o consenso e a solidariedade deixam de surgir naturalmente, por uma semelhança de valores ou costumes e passa a basear-se na

crescente interdependência de funções entre membros de uma coletividade que já não é homogênea, mas antes se caracteriza por grande diferenciação social. Esta diferenciação social, que resulta em parte da crescente divisão do trabalho associada à industrialização e ao surgimento da economia de mercado; ela traz consigo a necessidade de um controlo social formal, um aparelho administrativo, a burocracia e mecanismos como os contratos para harmonizar interesses potencialmente divergentes, como relatam E. Durkheim e M. Weber. O «outro» na grande cidade, que surge em consequência da industrialização e êxodo rural, já não é apenas o vizinho, parente ou amigo mas antes um estranho; e a falta de conhecimento do «outro», a desconfiança perante as suas intenções, a incerteza se o iremos encontrar outra vez modificam a natureza das relações sociais: precavemo-nos conta uma possível incumprimento, traição ou ação do outro que nos possa prejudicar, de uma forma que não acontece nas comunidades em que toda a gente se conhece e o comportamento de todos é amplamente visível e sancionado pelos restantes membros.

Com a industrialização e produção em massa surge também a economia de mercado capitalista e, a partir de aí, outras formas económicas passam a ser quase ignoradas (economia familiar, trabalho voluntário, trabalho doméstico, troca direta, moeda local, bens comuns como poços, eiras, moinhos, etc.) pois não se encaixam no novo modelo económico em que empresas, visando maximizar o lucro, vendem no mercado bens de consumo que os consumidores comprem com rendimentos (de juros, rendas, ou salários); o trabalho é predominantemente assalariado e o local e tempo de trabalho distinguem-se do familiar. Neste modelo económico o vendedor procura vender mais caro e o consumidor mais barato, surgindo a ideia de um potencial conflito de interesses; necessita-se do contrato, do recibo, da fatura, da escritura e de outros instrumentos formais para que cada parte, sobretudo no contexto das transações económicas, veja os seus direitos assegurados. No entanto, ainda hoje a economia capitalista coexiste com formas económicas em que juro, salário, lucro estão ausentes, como é o caso da economia familiar de subsistência ou as relações económicas nas comunidades rurais que conservam características do período pré-industrial, pois aí não se fizeram sentir tanto os efeitos da industrialização e urbanização. A economia de mercado traz consigo alterações sociais como a ascensão da burguesia, um conflito entre esta e a classe dos trabalhadores, alterações no poder jurídico, político, administrativo ou militar que durante muito tempo estiveram concentrados nas mãos da aristocracia – a sociedade ocidental antes e após a industrialização é uma realidade muito diferente e tal expressa-se na relação Comunidade – Sociedade que os autores clássicos, que tomaram como objeto as consequências da industrialização descreveram.

COMUNIDADE TRADICIONAL/RECIPROCIDADE E SOCIEDADE MODERNA/ TROCA MERCANTIL

K. Polanyi (2012) [1944] descreve em *A Grande Transformação* um fato inédito nas

sociedades ocidentais: a partir do séc. XIX, a economia deixa de ser vista como uma parte da vida social e, inversamente, passa o mercado a ser o mais importante mecanismo de regulação das relações sociais.

Até ao surgimento da economia de mercado capitalista o interesse económico coletivo dominava e a generosidade e reciprocidade eram imperativos sociais que garantiam a integração dos indivíduos. De certa forma, o económico estava subordinado ao social já que era apenas uma parte deste. Com a passagem da comunidade rural tradicional para a sociedade moderna industrial surge, para o autor, um predomínio do económico sobre o social. Enquanto nas outras sociedades e épocas históricas o económico era apenas uma faceta da vida coletiva, imerso numa rede de relações sociais, na sociedade industrial ocidental do séc. XIX tal deixa de se verificar. Já M. Weber dera conta da transição da comunidade, orientada pelos laços afetivos e tradições, para a sociedade moderna com uma ação mais racional, em que as relações se tornam mais utilitárias, segmentares, formais, assim como os mecanismos de controlo social para conseguir lidar com interesses divergentes associados à crescente diferenciação social - que E. Durkheim também identifica – designadamente no caso das relações de troca mercantil, como referido. Para K. Polanyi, a grande novidade que surge associada à economia de mercado é, pois, a predominância da troca mercantil onde até então coexistiam a reciprocidade e a redistribuição. A. Corrêa (2011) sintetiza esta modificação em que os padrões de troca deixam de estar enquadrados nas relações sociais, com o desenvolvimento da economia de mercado:

		Modo de Transação		
		Reciprocidade	Redistribuição	Troca de Mercado
Relação Social Subjacente		Amizade Parentesco Status Hierarquia	Política Religiosa	Nenhuma

A troca mercantil não está, como se vê, enquadrada em relação social alguma, como se os agentes económicos agissem num vazio social – sem referência a valores, tradições, crenças ou vínculos que não a maximização do lucro das empresas/oferta e da utilidade dos compradores; os agentes económicos são seres sociais, mas passam a ser considerados como puramente racionais, buscando egoisticamente maximizar o seu interesse pessoal.

A RECIPROCIDADE E EVOLUÇÃO DA COOPERAÇÃO

O aparecimento do conceito de *fenómeno social total* esteve precisamente relacionado com a descoberta da troca ritual, não económica por M. Mauss na América do Norte (potlatch), - semelhante à kula que B. Malinowski (1987) [1922], encontrou entre os habitantes da Melanésia – a troca/dádiva enquanto obrigação tripartida de dar, aceitar e retribuir, como estabelecimento de vínculos duradouros, favorecendo a coesão social pela aceitação de valores rituais comuns. Antropólogos encontraram a reciprocidade em contextos espaciais e culturais, distintos e, como refere E. Sabourin (2011), para Malinowski como para C. Lévi Strauss a reciprocidade antecede a troca, estando associada a aspetos da vida social mais amplos como o parentesco, o estatuto social ou o domínio simbólico.

Ora a predisposição para a dádiva, a generosidade e sociabilidade do homem são referidas por C. Darwin, de cuja teoria foi feita uma interpretação errónea da sobrevivência do mais apto para a sobrevivência do mais forte, ignorando sociabilidade e capacidade de cooperação como vantagem em termos evolutivos para a espécie humana. No senso-comum, a vida na sociedade pós industrialização, marcada pela concorrência, individualismo e materialismo é associada a uma competição ou «lei da selva», amoral, em que vence o mais forte. No entanto, a teoria evolutiva de Darwin fala da sobrevivência, não do mais forte, mas do mais apto. Há uma seleção dos indivíduos que melhor se conseguem adaptar ao seu ambiente para sobreviver e o próprio Darwin, que identificou no homem uma propensão para a sociabilidade, explica como a capacidade de cooperação constitui uma vantagem em termos de aptidão. A cooperação entre indivíduos não ligados por vínculos de parentesco (e portanto, tendo apenas como fundamento a transmissão de genes e aptidão da descendência) foi descoberta por R. Trivers na análise da partilha de sangue entre morcegos vampiros capazes de reconhecer, retribuindo, aqueles de quem tinham recebido dádivas anteriormente.

A cooperação entre a espécie humana, tanto no tempo dos caçadores-recolectores como na sociedade pós-industrial é essencial para a sobrevivência. Mas a ideia de competição ou concorrência (profissional, académica, económica, etc.) parece contrariar a cooperação e um valor que vigora nas pequenas comunidades em que todos se (re) conhecem, mas parece escassear em contextos sociais de maior dimensão, densidade e anonimato nas relações sociais: a reciprocidade. A observância de uma contrapartida (como o pagamento de um serviço, por exemplo) está associada a mecanismo formais de controlo quando numa transação económica se estabelece uma relação entre dois estranhos que poderão vir a nunca mais se encontrar. Na comunidade, porque o outro indivíduo é alguém com quem se partilham laços de amizade e parentesco, porque as pessoas têm relações próximas e duradouras, se voltarão a encontrar, a reciprocidade surge de forma natural: nunca se espera que o «outro» nos traia, neste contexto; a palavra dada tem o valor de contrato e mesmo os egoístas não deixam de retribuir a generosidade do outro sob pena

de uma punição social, como verem negado o auxílio no futuro, tanto daquele a quem prejudicaram como de toda a comunidade que observa de perto e sanciona a ação de todos. A reciprocidade mantém o equilíbrio da coletividade pois pune o oportunista e retribui o altruísta. Ou seja, a reciprocidade torna-se o padrão ou a norma aceita por todos pois todos se apercebem que reciprocitar – fazer ao outro como ele fez a ti - é a melhor opção, tanto do ponto de vista do próprio, como da comunidade como um todo. Com o tempo os egoístas percebem que é da sua vantagem cooperar e os altruístas são recompensados, pelo que a cooperação, e não a competição, prevalece.

A questão que se coloca é: é possível a reciprocidade ou colaboração fora de um contexto como a comunidade, onde as pessoas não se (re)conheçam, onde são se encontrem com frequência?

A resposta que a teoria oferece é: não. A reciprocidade funciona em contextos sociais em que as interações se repetem entre os mesmos indivíduos e onde é possível recordar o comportamento do «outro» no passado, premiando aqueles que são generosos e colaboram, e penalizando os egoístas que tiram partido dos outros.

O DILEMA DO PRISIONEIRO E A EVOLUÇÃO DA COOPERAÇÃO

O *Dilema do Prisioneiro* é uma situação ou jogo que demonstra como, mesmo quando a solução cooperativa é a melhor para ambas as partes, o indivíduo, porque não sabe como o «outro» se vai comportar, na tentativa de proteger o seu próprio interesse vai escolher uma estratégia de ação em que ambos ficam pior do que se tivessem decidido colaborar.

Esta situação mostra que, não conhecendo o comportamento do outro nem sabendo se o vamos encontrar futuramente, agimos logicamente quando nos protegemos de uma possível traição do outro. Num contexto de repetição deste tipo de interação – a *Versão Iterada do Dilema dos Prisioneiros* - em que o outro é alguém que conhecemos e com quem temos relações frequentes, tudo se altera oferecendo uma possibilidade de esta racionalidade ser substituída pela cooperação – associada ao altruísmo recíproco, como se verá - e explica porque a cooperação, em oposição à competição, pode evoluir e manter-se nas sociedades humanas, e ser preferível para o próprio indivíduo ser generoso para com o outro do que egoísta. As razões para o sucesso do altruísmo são as que se associam à noção de comunidade – situação em que todos se (re)conhecem, todos interagem repetidamente, de forma que existe uma sanção social positiva ou punitiva conforme o indivíduo coopera ou tenta tirar partido de outro.

No contexto das Teoria dos Jogos, o *Dilema do Prisioneiro* em concreto mostra que nas situações de jogo de encontro único “trair é uma estratégia dominante para os jogadores (...) e conseqüentemente não atingir o que seria um resultado eficiente em termos do bem-estar agregado dos jogadores” (D. North, 1990: 13). Porém quando jogado repetidamente

entre o mesmo conjunto de participantes – ou seja, quando as interações são repetidas, como em muitos dos problemas da ação coletiva - os indivíduos são capazes de responder consoante as ações dos outros, e acabar por encontrar uma solução cooperativa para os problemas.

Matriz original do Dilema do Prisioneiro de A. W. Tucker 1983 [1950] p. 228:

		II	
		confess	not confess
I	confess	(- 1, - 1)	(1, - 2)
	not confess	(- 2, 1)	(0, 0)

No *Dilema do Prisioneiro*, dois prisioneiros estão presos, acusados de um crime, e falam isoladamente com um polícia, sem saber o que o outro prisioneiro dirá. Ambos prisioneiros podem escolher confessar ou não o crime, ou seja, trair o outro incriminando-o, ou cooperar com o outro ficando em silêncio. Como refere Tucker, para ambos indivíduos a estratégia «confessar» (trair) domina a «não confessar» (cooperar), porque compensa tendo cada prisioneiro em conta os possíveis resultados. Assim, como trair/confessar permite um melhor resultado do que cooperar/não confessar, qualquer indivíduo racional agindo egoisticamente irá trair. Porém, segundo o autor, contrariamente a esta solução não-cooperativa, verifica-se que, globalmente, haveria benefícios mútuos se ambos decidissem não confessar – das quatro posições na matriz é a mais favorável.

A dificuldade da cooperação ilustrada no *Dilema do Prisioneiro* resulta do facto de o homem, na tentativa de proteger o seu interesse no imediato e de evitar ser explorado pelos outros, agir egoisticamente, o que resulta numa solução que em que todos acabam por ganhar menos do que aquilo que poderiam ganhar se cooperassem. Mas a versão iterada do jogo Dilema do Prisioneiro explica a importância versão repetida da mesma situação, das interações e mútuo reconhecimento para justificar a evolução e prevalência da cooperação. A estratégia mais bem sucedida não é a egoísta que tenta trair ou tirar partido do outro, nem ser sempre generoso, mas TIT-FOR-TAT: reciprocidade, o que se traduz em retribuir a cooperação do outro ou punir a traição do outro. Nesta versão a TIT-FOR-TAT que é a estratégia que mais se aproxima da noção de altruísmo recíproco é uma estratégia generosa, mas porque capaz de sancionar o comportamento do outro, tende a gerar cooperação. Numa dada população esta tornar-se-ia uma estratégia evolutivamente estável uma vez que nenhuma outra estratégia conseguiria invadir essa população. (É possível ter uma ideia da relevância da experiência de R. Axelrod e do Dilema do Prisioneiro para a explicação da Evolução da Cooperação a partir do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=BOvAbjfJ0x0>)

Adaptação da Matriz do Dilema do Prisioneiro a partir de S. Fritzen (1974) R. Axelrod (1984):

	Trair	Cooperar
Trair	-1 Castigo por mútua traição	-2 Tentação de trair
Cooperar	-2 Tentação de trair	1 Prémio por cooperação mútua

Não sabendo qual será o comportamento do outro, a soma dos resultados possíveis na matriz mostra que a opção «trair» é racionalmente preferível, ainda que a cooperação entre ambos fosse a melhor solução para os dois no caso de um encontro único (one-shot game). Mas tudo se altera na versão iterada (repetida) do jogo de Dilema do Prisioneiro.

R. Axelrod e W. Hamilton (1981) sustentam que a teoria evolutiva, baseada na sobrevivência do mais apto, tem lidado com a cooperação e redução da competição, justificando-as com base na reciprocidade. Os autores concluíram que a cooperação pode traduzir-se numa estratégia dominante relativamente a outras, tornando-se evolutivamente estável. Quando jogado várias vezes o Dilema do Prisioneiro tende a resultar numa solução cooperativa e não na traição, como sugere a matriz para o caso de uma única jogada.

Na *Versão Iterada do Dilema do Prisioneiro* de Axelrod verificou-se que existe a hipótese de ambas as partes se voltarem a encontrar e recordar o comportamento do outro em rondas anteriores. Assim, na ausência de um fim definido para as interações – que Axelrod e Hamilton consideram mais próxima das situações de vida real nas sociedades humanas - a probabilidade dos reencontros abre um conjunto de possibilidades em que a traição não é, necessariamente, a estratégia que se tornará dominante. Com base no Dilema do Prisioneiro, Axelrod (1984) apresenta uma justificação para a «sobrevivência» ou evolução da cooperação nas sociedades humanas, mesmo admitindo que tanto indivíduos egoístas como altruístas se venham a encontrar; mas, como visto, tal requiere a capacidade de (re)conhecer o outro, recordar e reciprocitar - ou retribuir na mesma medida - as suas ações.

As capacidades de memória dos seres humanos permitem-lhes antever os resultados de interações futuras e discriminar indivíduos, pelo que a estratégia de retribuir altruístas e punir oportunistas – i. e. reciprocitar a ação do outro - revela-se dominante relativamente a outras estratégias. Mas as possibilidades de conhecer todos aqueles com quem interagimos de punir a traição ou retribuir a colaboração são fáceis no contexto da comunidade, um contexto social em que as relações sociais são globais, visíveis (todos se conhecem, todos se relacionam entre si e o comportamento de cada um é observado de

perto e sancionado pela comunidade) e duradouras, oferecendo a possibilidade de encontros futuros e, portanto, de reciprocidade.

APLICAÇÃO: O DILEMA DO PRISIONEIRO COMO INSTRUMENTO PARA O/A ANIMADOR/A SOCIOCULTURAL/SOCIOEDUCATIVO/A:

Objetivos:

- Explicar como o comportamento egoísta nem sempre é o que permite os maiores benefícios para o indivíduo;
- Expor a possibilidade da cooperação a longo-prazo, por oposição à competição, entre os elementos de um grupo e vantagem desta relativamente a outras estratégias;
- Ilustrar o aspeto mais relevante do dilema: embora fosse preferível que ambos indivíduos em causa optassem por colaborar, ao procurar apenas o seu benefício individual, eles conduzem a uma situação que produz resultados piores do que a colaboração.
- Demonstrar os efeitos a longo-prazo – em termos dos resultados no jogo - da confiança mútua e da traição, favorecendo um clima de reciprocidade no grupo.

Atribuições do(a) animador(a) na aplicação deste jogo ao grupo-alvo:

- Distribuir a todos os participantes uma cópia da matriz *Dilema do Prisioneiro*;
- Explicar sucintamente, sem mencionar os objetivos do exercício, apenas que se trata de recriar uma técnica comum utilizada no interrogatório policial;
- Definir os grupos que vão jogar e os papéis (os “polícias” registarão as opções de cada um dos dois “prisioneiros”);
- Atribuir números a todos os prisioneiros (ou equipas de jogadores) juntando em cada rodada um prisioneiro n^o par e um n^o ímpar;
- Garantir que não há qualquer comunicação entre os participantes que fazem o papel de prisioneiros;
- No final da primeira ronda pedir aos “polícias” o registo dos resultados (n^o da ronda e escolha de cada um dos prisioneiros);
- Repetir o processo várias vezes;
- Terminadas as rondas (jogadas), expor a matriz e divulgar os resultados, explicando as consequências das estratégias escolhidas pelos jogadores em termos de ganhos e perdas;
- No final do jogo, analisar a evolução do comportamento dos jogadores e seus resultados, expor as vantagens possibilidades da evolução da cooperação e a importância da confiança e reciprocidade nas relações interpessoais, com base

no suporte teórico.

COMUNIDADE E SOCIEDADE – ALTRUÍSMO, RECIPROCIDADE E TROCA ECONÓMICA

Nas perspetivas teóricas clássicas sobre comunidade e sociedade, em que a transformação das sociedades com a Revolução Industrial foi também o contexto da institucionalização da Sociologia, aquela surge como fundada nos vínculos de parentesco, amizade e vizinhança, associada à coexistência num dado território que, favorecendo as interações repetidas e duradouras, o (re)conhecimento, relações sociais globais, visíveis e de reciprocidade, sugerindo também a possibilidade de um consenso e solidariedade mais fáceis ou espontâneos comparativamente à sociedade moderna, urbana nascida da industrialização do Ocidente. A noção de comunidade refere-se, pois, à comunidade rural pré-industrial face à transição sociedade moderna, urbana e industrial, marcada pelo desenvolvimento tecnológico e sua aplicação ao processo produtivo, o surgimento de uma economia de mercado e a predominância deste como mecanismo de governação societal, a que está ligado o surgimento de novos grupos e conflitos sociais – burguesia e proletariado industrial – mas também ao êxodo rural, a perda do poder político da nobreza, a erosão dos valores religiosos e tradicionais ou a importância das relações de solidariedade e entreajuda que caracterizavam as comunidades pré-industriais.

No entanto, comunidade enquanto contexto e forma de relacionamento social e identidade sociocultural permanece hoje; onde industrialização e urbanização não chegaram tanto, mas também onde exista uma comunhão de interesses, circunstâncias de vida, visões do mundo, a partilha de espaço, problemas, necessidades, aspirações em comum. Ela pode nesse sentido estar no bairro, na aldeia, na escola e numa variedade de associações de cidadãos que se reúnem para as mais diversas finalidades e em que a mobilização dos seus membros se fazem função das suas vontades bem como necessidades não plenamente satisfeitas nem pelo estado nem pelo mercado.

A comunidade não acabou, mas a leitura do desenvolvimento do Ocidente com a Revolução Industrial coloca num local central o surgimento da economia capitalista – e, portanto, as categorias de salário, rendibilidade, custo, maximização da utilidade ou do lucro, dificilmente aplicáveis à pequena economia rural, familiar e prioritariamente de auto-subsistência dos tempos pré-industriais. No entanto há hoje também uma coexistência entre economia de mercado e economia local baseada na reciprocidade de (P. Bourdieu, 2001) e realidades económicas diversas que dificilmente encaixam nas visões ortodoxas da Economia – trabalho doméstico, voluntariado, hortas urbanas, propriedade comum de eiras ou moinhos em zonas rurais, iniciativas económicas como moedas locais, mercados solidários, grupos de microcrédito, cooperativas, *opensource* e todo o terceiro setor, ou setor privado não-lucrativo - como se pode observar no *Diverse Economies Iceberg* - que

não se resumem a formas económicas herdadas do passado, mas formas de inovação de carácter social e solidário. Perante estas, entender o mercado como o mecanismo auto-regulado de encontro de consumidores racionais visando egoisticamente maximizar a sua satisfação e da oferta procurando maximizar o lucro ao vender bens e serviços parece não dar conta de tudo o que existe na esfera económica.

Daí a necessidade de considerar como atores económicos não só o setor privado associado à troca mercantil, um Estado ligado à função de redistribuição e de colmatar falhas de mercado, mas também iniciativas privadas cujo objetivo não é o lucro – um conjunto de instituições em que os cidadãos se associam livremente para dar respostas a necessidades e interesses variados a que o Estado nem sempre consegue atender e que não interessam ao setor privado lucrativo – o terceiro setor ou setor social. Ressalve-se, contudo, que a identidade destas iniciativas da sociedade civil organizadas muitas vezes sob o princípio da ação solidária e no quadro da comunidade no sentido relacional da palavra, resulta das especificidades dos contextos espaciais e socioculturais em causa e não de uma mera reação a falhas de estado e mercado. Nas iniciativas locais, o espaço permanece como base para relações sociais densas, duradouras, recíprocas (J. Reis, 1988 e 2004; S. Quintas, 2005) e não só a noção de bem comum, como a maior proximidade e o melhor (inter)conhecimento favorece o sucesso em dar resposta às necessidades dos indivíduos, justamente porque essa é a vocação desse terceiro setor. Em suma, lado a lado com a troca comercial e a redistribuição, temos que considerar as relações de reciprocidade que não apenas existem hoje como há muito em contextos espaciais e sociais que favoreceram o mútuo (re)conhecimento e relações de confiança e cooperação (F. Tönnies, [1973])

CONCLUSÃO

O ator na economia de mercado aproxima-se de uma figura artificial e pouco realista, com uma capacidade de recolher e processar informação necessária tomar a decisão ótima, a que já T. Veblen (1899) aludia quando falava do consumo ostentatório, que estaria na origem da corrente institucionalista da Economia que permite ampliar a diversidade de instituições que intervêm nas relações económicas. Veblen ajuda a explicar porque em certas situações o agente económico suposta mente maximizador racional pode preferir comprar a um preço mais elevado ou uma quantidade superior à que será consumida. Também já Weber considerava no modelo dos tipos ideais de ação social, lado a lado com as motivações racionais, as afetivas e tradicionais, e facilmente se estabelece com as primeiras, que gozam de uma forte consciência do sentido da ação, uma relação com a sociedade e com as últimas o sentido de comunidade. Assim, para além de motivações racionais, nas relações económicas em particular, como noutros tipos de relação social, outras motivações que não a tentativa de egoisticamente atingir melhor resultado ou finalidade, intervêm questões de costume, valores, normas, estatuto social, modas etc.,

condicionantes do comportamento económico que demonstram a sua inserção em relações sociais mais amplas - mercado, família, estatuto, Igreja (A. Corrêa, 2011; K. Polanyi, 2012 [1944]); a diversidade da Economia não-ortodoxa institucional está, pois, precisamente relacionada com a necessidade de não considerar que o mercado regula as relações sociais, mas antes ver a economia como uma das facetas da vida em coletividade ou a incrustação do económico no social, como refere Polanyi.

Existe também uma explicação de natureza evolutiva para a possibilidade do altruísmo recíproco em alternativa ao egoísmo ou competição nas trocas; a possibilidade do altruísmo recíproco - a estratégia TIT-FOR-TAT (ou fazer ao outro o que ele fez a nós) pode constituir uma Estratégia Evolutiva Estável, ou seja, que tenderá a manter-se de forma duradoura numa população apesar da existência nesta de indivíduos egoístas, mas socialmente condicionados a cooperar. A possibilidade do estabelecimento do altruísmo recíproco é ilustrada com a versão iterada do Dilema do Prisioneiro, como discutimos, representando a justificação da possibilidade de início com generosidade, punição dos oportunistas e retribuição dos gestos altruístas. Por fim, ajuda a perceber possibilidade de a comunidade existir hoje, enquanto tipo de vínculo social e interação em que a reciprocidade, o altruísmo e a cooperação permanecem em coletividades de menor dimensão apesar de inseridas em sociedades cada vez mais amplas, complexas, diversas, em que o tecido social enfraquece a par do anonimato e isolamento social. Outras visões dos vários sentidos subjacentes às trocas, da diversidade económica e seu enquadramento nos vínculos, valores, tradições sociais “locais” permitiram melhor compreender esta coexistência de formas de organização da vida social.

À semelhança do podemos compreender com base no altruísmo recíproco e as origens da cooperação, a espécie humana não se caracteriza só pela capacidade de estabelecer com outros relações de contrapartida, no sentido em que F. Tönnies e M. Weber caracterizavam a forma de estar própria da sociedade moderna em que, prevendo a possível divergência de interesses, cada parte individualmente procuraria defender-se de um possível oportunista e maximizar seus interesses, obtendo de uma troca pelo menos tanto ou mais do que concedeu, mas antes por ter uma predisposição inata para a partilha e para sociabilidade (C. Darwin, 1888 *in* S. Klein, 2014). Por fim, a teoria evolutiva não explica os atos de cooperação apenas com base nos vínculos de parentesco, mas na capacidade de os indivíduos recordarem e, portanto, reciprocamente as ações dos outros (R. Trivers, 1971) que conhecem e com quem interagem de forma duradoura e é este tipo de relação duradoura, próxima, visível e sancionável que caracteriza a comunidade.

REFERÊNCIAS

AXELROD, R. and HAMILTON, W. D. (1981) “The Evolution of Cooperation.” *Science, New Series*, Vol. 211, No. 4489. (Mar. 27, 1981)

AXELROD, R. M. (1984) *The Evolution of Cooperation*. New York: Basic Books, Inc. Publishers

BOURDIEU, P. (2001) *As estruturas sociais da economia*. Lisboa: Piaget

COMMUNITY ECONOMIES (acedido em 2021) “**Diverse Economies Iceberg**” by *Community Economies Collective* (licensed under a Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License)

CORRÊA, A. (2011) *A exclusão da população de baixa renda dos sistemas de trocas comerciais: uma análise histórica sob a perspectiva do marketing*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC Rio

DARWIN, C. (1861) *On The Origin of Species by Means of natural Selection*. New York: D. Appleton and Company

DARWIN, C. (1874) *The Descent of Man* (2nd ed.) London: J. Murray

DURKHEIM, E. in FERNANDES, F. (1973) *Comunidade e Sociedade*. São Paulo: Ed. Univ. S. Paulo.

FRITZEN, S. J. (1973) *Exercícios Práticos de Dinâmica de Grupos e de Relações Humanas*. Petrópolis: Editora Vozes

HAMILTON, W. D. (1963) “**The Evolution of Altruistic Behavior.**” *The American Naturalist*, Vol. 97, No. 896 (Sep. - Oct.) Published by The University of Chicago Press for The American Society of Naturalists.

KLEIN, S. (2014) *Survival of the Nicest. How Altruism Made Us Human and Why It Pays to Get Along*. New York: The Experiment

MALINOWSKI, B. (1987) [1922], *Argonauts of the Western Pacific*. London: Routledge

MAUSS, M., “**O Fenómeno Social Total**” in ESTEVES, A. e FLEMING, A. (1980) *Sociologia - textos e notas introdutórias, vol. 1*. Porto: Porto Editora

MAUSS, M. (1988) *Ensaio sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70

NORTH, D. (1990) *Institutions, Institutional Change and Economic Performance*. Cambridge: Cambridge University Press

POLANYI, K. (2012) [1944] *A Grande Transformação. As origens políticas e económicas do nosso tempo*. Lisboa: Edições 70

QUINTAS, S. F. (2005) *Las Técnicas de Grupo en la Animacion Comunitaria*. Salamanca: Amaru Ediciones

REIS, J. (1988) “**Território e Sistemas produtivos Locais: Uma Reflexão sobre as Economias locais**”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 25/26

REIS, J. (2004) “Estado, mercado e Comunidade: A economia portuguesa e a governação contemporânea.” *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 70

SABOURIN, E. (2011) “Teoria da Reciprocidade e socio-anthropologia do desenvolvimento”. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 13, no 27, mai./ago.

TÖNNIES, F. in FERNANDES, F. (1973) *Comunidade e Sociedade*, São Paulo: Universidade de São Paulo

TRIVERS, R. (1971) “The Evolution of Reciprocal Altruism”, *The Quarterly Review of Biology*, Vol. 46, No. 1

TUCKER, A. W. (1983) “The Mathematics of Tucker: A Sampler.” *The Two-Year College Mathematics Journal*, Vol. 14, No. 3 (Jun., 1983) Mathematical Association of America

VEBLEN, T. (1899) *The Theory of the Leisure Class: An Economic Study of Institutions*

WEBER, M. “Comunidade E Sociedade como estruturas de socialização” in FERNANDES, F. (1973) *Comunidade e Sociedade*, São Paulo: Universidade de São Paulo

WEBER, M. (2001) *Conceitos Sociológicos Fundamentais*, Lisboa: Edições 70

ÍNDICE REMISSIVO

A

Altruísmo 19, 24, 25, 28, 30

Ambientes virtuais de aprendizagem 269, 270

Ângulos 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143

Aprendizagem significativa 43, 143, 189, 199, 203, 230, 269, 270, 272, 274, 276, 277, 278

Artes integradas 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Atividades de vida diária 204, 214, 215, 219

Autismo 204, 205, 206, 207, 208, 209, 212, 219, 222, 223, 323, 328, 329, 330, 331, 332

Autocrítica 167, 254, 255, 263, 265

Autodeterminação dos povos 301

B

Bebês 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54

BNCC 33, 34, 37, 38, 44, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 195, 240, 241

Brinquedo 62, 204, 206, 208, 212, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 314, 315, 317

C

Comunidade/sociedade 19

Consciência de classe 92, 93, 94, 99, 100, 101, 102, 104

Coordenadas cartesianas 55, 57, 58, 62

Crianças 3, 12, 13, 17, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 147, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 189, 196, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 219, 221, 222, 223, 243, 245, 312, 313, 315, 316, 317, 323, 324, 325, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342

Currículo 1, 2, 3, 7, 13, 14, 15, 36, 37, 38, 42, 108, 114, 122, 130, 147, 148, 150, 151, 152, 154, 155, 159, 161, 164, 189, 196, 200, 227, 240, 243, 244, 246, 276, 278, 308

D

Democracia 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 268

Desenvolvimento local 89, 169, 301, 306, 308

Design inclusivo 204, 210

Determinación 254, 255, 257, 258, 260, 262, 265, 266, 267

Direito a educação 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175

Docência 10, 18, 46, 48, 49, 52, 55, 57, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187,

188, 189, 235, 271, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 344

E

Economias diversas 19

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 74, 77, 78, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 98, 99, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 112, 114, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 196, 197, 200, 201, 202, 203, 211, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 271, 273, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 305, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 320, 321, 322, 327, 332, 333, 344

Educação de jovens e adultos 116, 117, 118, 121, 122, 123, 127, 128

Educação física 279, 280, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 333

Educação infantil 11, 12, 13, 17, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 106, 107, 108, 114, 145, 146, 152, 153, 154, 155, 156, 162, 170, 227, 228, 248, 287

Educação rural 168, 170, 224, 225, 227, 231, 235, 239

Ensino de arte 33, 34, 37, 44

Ensino de geometria 129

Ensino fundamental 1, 3, 8, 9, 10, 16, 17, 114, 130, 146, 149, 150, 152, 154, 155, 156, 157, 162, 196, 198, 201, 227, 228, 250, 287, 288, 299, 305, 311, 313, 344

Ensino médio 17, 55, 57, 149, 154, 156, 157, 158, 160, 180, 181, 182, 198, 200, 201, 202, 227, 228, 237, 238, 240, 250, 251, 270, 272, 291, 299, 300, 305

Estado da arte 49, 224, 225, 238, 278

F

Ferramenta pedagógica 269, 270

Força muscular 333, 334, 336, 339, 341

Formação continuada de professores 18, 146, 164

Formação de professores 1, 3, 5, 15, 16, 18, 164, 170, 235, 236, 237, 279, 289, 298, 344

Formação docente 145, 152, 155, 161, 183, 185, 188, 235, 236, 240, 294

G

Gestão 37, 74, 75, 79, 83, 86, 87, 90, 91, 97, 155, 162, 201, 227, 237, 283, 284, 301, 306, 308, 310

I

Identificação das expressões 204, 213, 219, 221

Inclusão 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 122, 124, 158, 163, 210, 215, 222, 227, 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 311, 319, 320, 321, 323, 328

Inclusão de surdos 240

Inclusão educacional 1, 3, 6, 7, 16

Integración 254, 255, 256, 257, 261

Interdisciplinaridade 33, 34, 44, 45, 158, 159, 162, 182, 184, 187, 188, 229

J

Jogo didático 55, 62

L

Lazer 179, 208, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 313, 326

Leitura literária 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 109

Literatura afro-brasileira 106

M

Maker 311, 312, 313, 316, 317, 320

Mal-estar docente 279, 280, 288

Manual do professor 116, 122, 123, 124

Materiais autorais digitais educacionais 178, 180, 187, 189

Materiais concretos 129, 130, 131, 133, 137, 142, 143

Maturação biológica 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340

Mediação docente 46, 48, 51, 52

Música 36, 38, 42, 45, 112, 113, 184, 212, 215, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 330, 331, 332

O

Origem social 190, 191, 192, 193, 194, 198, 200

P

Participação 4, 7, 37, 48, 49, 50, 54, 61, 74, 76, 79, 82, 86, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 103, 104, 105, 107, 110, 113, 139, 151, 184, 190, 191, 194, 196, 197, 199, 200, 202, 226, 229, 231, 271, 275, 279, 284, 285, 286, 296, 297, 308, 317, 318, 337

Pedagogia de la esperanza 254, 258, 259, 261, 266

Pesquisa em ensino de ciências 224, 235, 237

Pessoas com TEA 322

Pibid 55, 56, 57, 278, 291, 292, 293, 294, 344
Políticas de inovação 63, 66, 68, 72, 73, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 90
Políticas educacionais 165, 166, 169, 227, 248
Políticas inclusivas 240
Políticas públicas 1, 3, 6, 65, 70, 71, 168, 169, 198, 201, 202, 203, 227, 228, 236, 238, 248, 277, 301, 302, 308
Povos do campo 165, 167, 168, 170, 171, 172, 226, 228
Prática docente 4, 48, 50, 117, 122, 160, 229, 230, 236, 287, 291
Prática pedagógica 2, 3, 5, 7, 10, 14, 40, 42, 52, 126, 180, 188, 225, 279, 280, 299
Protagonismo juvenil 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203

R

Reciprocidade 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 50, 54, 199
Rede federal de educação profissional 63, 71, 72, 87, 89
Região Nordeste 63, 66, 71, 72, 73, 74, 77, 86
Representação 41, 62, 103, 116, 131, 173, 193, 218, 306
Revisão sistemática 190, 191, 192, 193, 200, 201, 333, 338
Robótica 311, 312, 313, 316, 319, 320
Rondônia 17, 145, 146, 147, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 162, 164

S

Sociedade capitalista 92, 95, 96, 102, 103, 104, 117, 118, 171
Sucesso escolar 190, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 202

T

Tecnologias digitais da informação e comunicação 178
Treinamento de resistência 333, 336, 338

U

Ultimate frisbee 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300

(Des)Estímulos às

teorias, conceitos e práticas

da educação



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

(Des)Estímulos às

teorias, conceitos e práticas

da educação



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021